



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

DEYSE BELMIRO LINS

NA MÍDIA, SEXUALIDADE NA ESCOLA.

PICOS
2018

DEYSE BELMIRO LINS

NA MÍDIA, SEXUALIDADE NA ESCOLA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Coordenação do Curso de Ciências Biológicas modalidade Licenciatura da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros - Picos, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Me Nilda Masciel Neiva Gonçalves.

PICOS

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L759m Lins, Deyse Belmiro.
Na mídia, sexualidade na escola. / Deyse Belmiro Lins. –
2018.
36 f.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em
Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Piauí, Picos,
2019.

Orientador(A): Profa. Me. Nilda Masciel Neiva Gonçalves.

1. Mídia. 2. Sexualidade. 3. Ensino de Biologia. I. Título.

CDD 301.418

DEYSE BELMIRO LINS

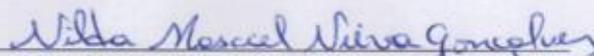
NA MÍDIA, SEXUALIDADE NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Ciências Biológicas modalidade Licenciatura da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros - Picos, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduado em Ciências Biológicas.

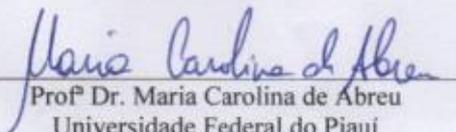
Orientadora: Profa. Me Nilda Masciel Neiva Gonçalves.

Aprovado em: **04/12/2018**

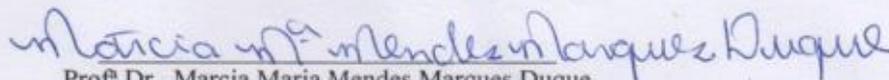
Banca Examinadora:



Prof.^a Me. Nilda Masciel Neiva Gonçalves
Orientadora – UFPI



Prof.^a Dr. Maria Carolina de Abreu
Universidade Federal do Piauí
Membro



Prof.^a Dr. Marcia Maria Mendes Marques Duque
Universidade Federal do Piauí
Membro

As palavras só têm sentido se nos ajudam
a ver o mundo melhor. Aprendemos
palavras para melhorar os olhos.

(Rubem Alves)

RESUMO

A sexualidade é um tema abordado geralmente no ensino de Ciências, contemplando o biológico e excluindo fatores culturais, nesse contexto, as mídias podem ajudar os professores a ampliar e apresentar concepções de sexualidade, bem como, esclarecer crianças e jovens sobre seu próprio corpo, desejos, mudanças, transformações, deixando-os menos vulneráveis a formas de abuso ou preconceito. Assim, com o presente trabalho buscamos analisar a concepção de sexualidade apresentada em vídeos veiculados no *You Tube* nos anos de 2016 e 2017. No ensino de Ciências as mídias ao lado da abordagem biologistas ajudam a compreender os sujeitos como seres sociais e culturalmente constituídos de valores, desejos, diferenças, subjetividades. Por fim, seres que merecem respeito e devem ser valorizados independentemente de seu gênero, orientação sexual ou classe social a que pertença. Levando em consideração que a mídia possui poder de produção de subjetividades e que se faz presente nos espaços escolares, optamos pela realização de uma pesquisa descritiva a partir da análise de 10 vídeos relacionados a sexualidade, tendo como critério de seleção, a ausência de cenas forte de agressividade e aceitação do trabalho com o tema sexualidade no espaço escolar. Não se levou em consideração as empresas as quais estão vinculados, priorizando assim, os vídeos que primam pela compreensão de sexualidade em sua complexidade. A mídia abre um leque de possibilidades de informação, interação e produção de novos saberes, ajuda crianças, jovens e adultos a conhecerem inúmeras facetas da vida social, econômica, política e cultural do nosso país e de outros. Os conteúdos abordados nos vídeos foram agrupados em torno das categorias de análise: Sexualidade, tabu na escola; Homofobia, homossexualidade e escola. Apresentam relatos de pessoas que fazem parte ou não de comunidades educativas e defendem a escola como espaço de reflexão e discussão sobre o tema sexualidade e todas suas nuances. Dessa forma a sexualidade apresentada nos vídeos está vinculada a fatores biologistas e culturais. Considera a escola espaço propício para discussões referentes ao tema por ser constituída de grande diversidade cultural e social. O fato de ter em alguns dos seus espaços restrição para o trabalho com o tema sexualidade está relacionado a permanência da cultura da sexualidade como sexo, portanto, tabu, fator esse, que dificulta discussões sobre a temática no interior da escola e deixa alunos mais vulneráveis a exclusão social, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, dentre outros fatores.

Palavras Chave: Mídia. Sexualidade. Escola.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 POSSO FALAR DE SEXUALIDADE NA ESCOLA?	9
3 PRECONCEITO SEXUAL NA ESCOLA.....	12
4 SEXUALIDADE E MÍDIA.....	17
5 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	21
6. Área de Estudo.....	22
6.2 Análise e Discussão dos Resultados.....	24
6.3 Sexualidade, Tabu na Escola.....	26
6.4 Homofobia, Homossexualidade e Escola.....	31
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar o preconceito tornou-se primordial no espaço escolar, em meio, a diversidade cultural, ética, sexual e de gênero. O respeito e reconhecimento as subjetividades, uma bandeira, a ser defendida por professores, alunos e comunidade em geral. Assim, abordar o tema sexualidade, requer pensar conceitos naturalizados e refletir sobre a constituição de sujeitos socialmente construídos.

Nesse contexto, segundo Foucault (1997), sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico, à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, à formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, constroem uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder.

A escola como instituição educativa, desenvolve pedagogias que ajudam a disseminar a cultura produzida historicamente e aceita pela sociedade, neste sentido, ajuda a (re) produzir preconceitos relacionados ao gênero, etnia e sexualidade.

Diante dos novos anseios da sociedade do conhecimento, da democratização e respeito ao ser humano como sujeito de direito, cabe a escola, o trabalho com novas perspectivas de ensino da sexualidade veiculadas na mídia e a luta pela eliminação do preconceito sexual presente na sociedade. Mas, para um trabalho satisfatório nessa linha de pensamento, faz essencial, que o currículo apresente a sexualidade mais próxima à dinâmica da sociedade e ao cuidado de si (BRITZMAN, 2013).

Compreendemos que, ao invés de construirmos propostas educativas preocupadas com a regulação das crianças e adolescentes – reafirmando a divisão binária dos gêneros, como única forma de vivenciar as masculinidades e feminilidades e a heterossexualidade como forma normal de expressão da sexualidade, é de fundamental importância, propormos práticas que permitam que os indivíduos se constituam livres e responsáveis para a vivência plena de sua sexualidade (BRITZMAN, 2013). Assim, não podemos desprezar as informações veiculadas nas diversas mídias, dentre elas, os vídeos produzidos sobre sexualidade, sendo a mídia, formadora de opinião e agente propulsor de novas aprendizagens.

Nesse contexto, propomos o trabalho com o tema “Na mídia, sexualidade na escola”, que objetiva a análise da concepção de sexualidade em vídeos publicados no *You tube*. Especificamente, identificar fatores que justifiquem o trabalho com o tema sexualidade na escola e motivos para ausência do trabalho com o tema em alguns espaços escolares.

A sexualidade diz respeito ao modo como os indivíduos organizam e valorizam as questões relacionadas à satisfação do desejo e do prazer sexual. Já, a identidade de gênero refere-se à identificação do indivíduo com características que culturalmente definem o masculino e o feminino, num dado contexto social e histórico, revelando-se na expressão de modos de ser, de gestos, de jeitos de vestir, de atitudes, de hábitos corporais, de posturas para andar, sentar, movimentar-se, de tonalidade de voz, de seleção de objetos e adornos (LUZ JUNIOR, 2003, p. 67.)

Movidos pela constatação da resistência do trabalho com o tema sexualidade em escolas do nosso município e pelo trato da sexualidade no ensino de ciências apenas de forma biológica, nos propomos a pesquisar: Como na mídia, especificamente em vídeos há a defesa do trabalho com o tema sexualidade na escola? Assim, não propomos apresentar conclusões definitivas sobre a mídia e a produção da sexualidade na escola, mas, abrir espaço para novas reflexões sobre essa questão, compreendendo que a escola pode trabalhar o tema sexualidade e ter a mídia como sua aliada, para maior esclarecimento dos educandos e educadores quanto a conteúdos apresentados atualmente de forma apenas biológica, desprezando a cultura que também constitui os sujeitos.

Então, para abordar o tema sexualidade é viável o esclarecimento de conceitos como identidade de gênero, identidade sexual, orientação sexual, dentre outros. Conceitos, que aqui serão trabalhados, por compreendermos que podem esclarecer dúvidas referentes a sua utilização.

2 POSSO FALAR DE SEXUALIDADE NA ESCOLA?

Diante da relevância do tema Sexualidade, em 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais são lançados, e como tema transversal apresentam, Orientação Sexual. Passa a escola, a ser oficialmente, espaço de discussão dessa temática. Tal feito pressupõe a necessária formação docente para o tratamento da temática.

Falar sobre sexualidade ainda hoje é tabu em famílias brasileiras. Esse fato coloca crianças e adolescentes como sujeitos vulneráveis a diversas formas de violência. Assim, tem a escola o dever de tratar da temática e esclarecer a comunidade educativa do valor da abordagem transversal do tema (SILVERSTONE, 2002, p. 46).

Diante da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), surge a problemática terminológica em relação ao uso do termo “Orientação sexual” ou “Educação sexual”. Ficando posteriormente esclarecido o uso do termo “Orientação sexual”, como sinônimo da prática realizada em meio escolar, diferenciando-o de “Educação sexual”, tarefa realizada pela família.

O termo “Orientação sexual” é usado para determinar as relações de desejo e práticas sexuais que constitui os indivíduos como: heterossexual, homossexual, bissexual, assexuados, dentre outros; para prevenção de violências e cuidados preventivos com o corpo. Com uma abordagem expansiva o tema causa confusão nos cursos de formação de professores (ALTMANN, 2014).

Para Britzman (1999, p. 90), “[...] a linguagem do sexo transforma-se em uma linguagem didática, explicativa.” Quando é colocada no currículo dificilmente podemos separar seus objetivos e fantasias das considerações históricas de ansiedade, perigo e discursos interrogatórios que parece catalogar certos tipos de sexo como inteligíveis, enquanto outros tipos são relegados ao domínio impensável e do moralmente repreensível (BRITZMAN, 2013). Nesse sentido, há uma construção cultural de valores que nos permite apontar o aceitável e rejeitar o “diferente”, constituindo o preconceito.

A principal função da “orientação sexual” é desestruturar verdades únicas e os exatos modelos hegemônicos de sexualidade, mostrando o jogo de poder e de interesses evoluídos na sua construção (FURNANI, 2003). Pensamento, que vai ao

encontro das ideias de Ribeiro (1999) e Reis (2005), que veem a orientação sexual como um procedimento formal e sistematizado, organizado e planejado com tempo e objetivo determinados, e buscando sempre profissionais formados, com o objetivo de debater, informar e refletir sobre questões de sexualidade, bem como acabar com tabus e preconceitos.

Mas, no espaço escolar falar de sexualidade não é tarefa fácil, uma vez que, o conhecimento de sala de aula sobre o tema sexualidade é tipicamente sinônimo de reprodução heterossexual, embora até mesmo esse conhecimento seja banalizado. Além disso, informações técnicas sobre reprodução sexual é altamente contestada, por que a informação sobre, é vista como causa de atividade sexual (FISCHER, 2003, p.16).

Tema polêmico, pela construção cultural que o constitui e muito questionado, por despertar nos indivíduos a compreensão de diversas formas de viver a sexualidade, bem como o reconhecimento da constituição de identidades sexuais.

Ocultar o tema não ameniza os problemas sociais que crescem, como a homofobia, e estão relacionados ao preconceito e negação do outro como sujeito de direito. Não se trata de contestar a orientação sexual do outro ou limitar a orientação sexual a heterossexual, mas, esclarecer que a orientação sexual é um direito. O respeito é fundamental.

Nesse contexto, trabalhar o tema sexualidade na escola, possibilita a redução da vulnerabilidade dos educandos à violência e a homofobia, uma vez que, pode ser tarefa compartilhada por todas as disciplinas do currículo escolar, excluindo a responsabilidade apenas da disciplina de Ciências ou Biologia (FURNANI, 2003). Isso implica a possibilidade de discutir todos os aspectos da sexualidade, inclusive as novas identidades sexuais e de gênero. Tais discussões requer a participação prévia de docentes em cursos de formação para o trabalho com o tema, pois, aspectos normatizados devem ser postos em questão.

Quando as escolas resolvem trabalhar com o tema sexualidade, na maioria das vezes, as atividades desenvolvidas estão relacionadas a gravidez na adolescência e DST's/AIDS, aos quais estão ligadas suas formas de prevenção (camisinha e métodos anticoncepcionais) (RIBEIRO, 2008), assim o tema tem uma abordagem biologistica e despreza a cultura que também é fator determinante na constituição da sexualidade. Para Cruz (2012), a educação está diretamente

relacionada com a produção das identidades socialmente construídas pelos indivíduos a fim de se reconhecerem uns aos outros nos diferentes campos de atuação. A escola dessa forma, não deve excluir os debates e reflexões que gerem a compreensão da complexidade da sexualidade, bem como, sua forma de produção.

3 PRECONCEITO SEXUAL NA ESCOLA

O preconceito sexual pode provocar agravos físicos, psicológicos, cognitivos e sociais às vítimas. No ambiente da vida acadêmica, o preconceito pode desencadear como menciona Junqueira (2009) e Jennett (2014), o rebaixamento do rendimento escolar, desinteresse pela escola, distorção idade-série, insegurança, abandono e evasão escolar do indivíduo que é vítima desta prática. Logo, a importância da problematização deste assunto no ambiente escolar, reside, no fato do preconceito ser promovido e reforçado na escola.

Segundo Leão (2009, p. 282), considerando que as reações homofóbicas estão cada vez mais presentes na sociedade, é importante no âmbito escolar, os professores abarcarem este assunto, buscando frisar a importância do respeito e tolerância às diferentes manifestações do desejo. Passar a esclarecer o alunado quanto à orientação sexual, fará os preconceitos e estigmas serem cristalizados. Esta contribuição pode ocorrer por meio de discussões sobre as concepções discriminatórias, homossexualismo, homofobia, dentre muitos outros.

Trabalhar essas questões, para Junqueira (2009), é livrar-se da “Pedagogia do Insulto”, tratamento preconceituoso, com medidas discriminatórias, constrangimentos e agressões físicas e verbais, que são produzidas nas escolas. Assim, a escola pode deixar de ser instrumento de “exclusão da cidadania” (SEFFNER, 2009) e passar a ser espaço de construção coletiva e social.

Com esse pensar, a partir de uma proposta de Educação para a Sexualidade, espera-se que,

[...] a escola faça o contraponto, reflita, discuta e desestabilize alguns modelos hegemônicos referentes às temáticas de corpo, gênero e sexualidade, tais como a masculinidade, a heterossexualidade, a criança inocente e assexuada, a família nuclear, entre tantos outros, presentes na sociedade (BARROS, 2010, p. 63).

A escola precisa reconhecer que alunos/as homossexuais, bem como aqueles, inclusive heterossexuais, que não seguem os padrões hegemônicos de comportamento de gênero têm sim, direito à educação escolar. E uma educação em que não tenha que se pagar o preço da invisibilidade de identidades, da rejeição de modos de ser, muito menos da excisão dos corpos (BORTOLINI, 2008).

No discurso biológico presente na escola, o corpo é conhecido como pura anatomia, em que a sexualidade se reduz ao conhecimento das estruturas anatômica do sistema reprodutor masculino e feminino. A sexualidade é entendida como genitalidade, que é compartilhada na escola por todos os seres humanos independentemente da sua história ou cultura (CAMARGO; RIBEIRO, 1995, p.50). Assim, “A educação sexual na escola está centralizada na genitalidade, que advém de uma educação que é disciplina, organizada e concentrada nos genitais; resultando a anestesia do resto do corpo.” (CAMARGO; RIBEIRO, 1995, p. 51).

A escola é autorizada a falar da sexualidade através do discurso científico. Os professores passam a tratar essa temática a partir do 4º ano, que é quando se estuda o corpo. De acordo com Foucault (1998, p.30), a identificação dos órgãos do sistema reprodutor que desconsideram ou marginalizam os saberes das crianças, toma como falso até o conhecimento biológico.

Para falar da sexualidade na escola é preciso ter argumentos, satisfazer as dúvidas das crianças. O argumento de proteção, algumas vezes, é utilizado para falar da sexualidade, considerando o abuso sexual sofrido por crianças e adolescentes (KITZINGER, *apud* EPSTEIN; JONHSON, 2000).

A escola deve proporcionar para os estudantes, momentos como: palestras, estudos, debates, para questionar o preconceito. Nesse contexto, Bratzman (1989), fala que precisamos debater sobre a homossexualidade na escola sim, uma vez que a escola tem um papel fundamental na constituição do indivíduo.

Para superar o preconceito sexual, é preciso propiciar entre os educadores uma reflexão de como as atitudes em sala de aula, mesmo avaliadas como pequenas, auxiliam na percepção do indivíduo como “normais” ou “anormais”, não podendo ignorar a constituição dos alunos como sujeitos singulares, constituídos no processo, nos quais, atuam diretamente. (Bratzman, 1989).

Segundo Junqueira (2007), o Brasil é campeão de violências sexual, e a discriminação, mata em torno de 150 pessoas por ano. O país tem o recorde de assassinatos, contra aqueles considerados das sexualidades não hegemônicas, essa ocorrência é caracterizada como homofobia. Para Borrillo (2001, p. 13), a atitude hostil no Brasil, tem como foco principalmente homossexuais, homens ou mulheres, e consiste em caracterizar o outro como inferior, contrário ou anormal, de modo que sua diferença o coloca fora do universo comum dos humanos.

Nesse contexto, Castro, Abramovay e Silva, (2004), explicam que há vários tipos de comportamentos homofóbicos, que variam desde a violência física, da agressão e do assassinato, até a violência simbólica, atitudes e sentimentos negativos em relação a pessoas homossexuais, bissexuais.

Em seus estudos Carrara e Vianna (2004), discorrem sobre assassinatos de homossexuais com descaso da justiça. Os autores relatam o cenário de crueldade contra os homossexuais no Rio de Janeiro, que são vítimas de homicídios e expostos a humilhações diárias. Expõem fatores que são determinantes para o descaso da justiça, que variam, de classe social, nível educacional, local de moradia e nível econômico.

Para amenizar o quadro preconceituoso que existe no nosso país, Altmann (2001; 2003), acredita ser a escola um local privilegiado de práticas que promovam a saúde de crianças e adolescentes, e a “orientação sexual” como tema transversal, a oportunidade de introduzir discussões sobre a sexualidade. E é de suma importância destacar que desde a década de 1920, a lei brasileira prevê a educação sexual na escola, como citado anteriormente, com foco nas DST's, AIDS e gravidez na adolescência. Assim, a orientação sexual na escola passou a ser justificada pelo crescimento do número de casos de gravidez na adolescência e de contaminação pelo HIV (ALTMANN, 2001).

Dessa maneira, a estrutura e a organização da “orientação sexual” nas escolas concebem o sexo como um “dado da natureza”, como uma necessidade básica dos indivíduos, relacionada a impulsos e desejos, sobre os quais os sujeitos precisam ser informados, a fim de prevenir-se (ALTMANN, 2001, p. 580).

O tema sexualidade, ainda é um tabu nas escolas e causa desconforto para muitos professores, que acreditam não estarem preparados para o trabalho com a temática e ser esta uma responsabilidade familiar.

Reich (1930, 1940), explica que a sociedade capitalista na qual estamos inseridos, considera a repressão de nossa sexualidade, como natural e saudável. Forma de controle dos corpos. Que para Foucault, suprime, a possibilidade de desafiar uma ordem social opressiva, elemento crucial para a luta pela mudança social. Ainda para o autor o dispositivo sexual está relacionado com a análise que ele faz do desenvolvimento daquilo que ele vê como a "sociedade disciplinar", e que

é característica das formas modernas de regulação social, uma sociedade de vigilância e controle que ele descreve no seu livro *Vigiar e punir* (1977).

Para Louro (2004), no terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições tenham mudado, mas, que se tornou inapropriado lidar apenas com esquemas binários (masculino/feminino heterossexual/homossexual). “O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero venham sendo constantemente atravessadas e que é ainda mais complicado admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira” (p.68).

É na escola que a interação sócio cultural se evidencia e que grupos reconhecem as diferenças em relação a outros, como por exemplo; da cor da pele, da sexualidade, da classe socioeconômica, da nacionalidade. É no espaço escolar que essa interação com a diferença ou o diferente, são problematizadas e se dá por meio de relações interpessoais, que ocorrem por conflitos, violência e confrontos (LOURO, 2004).

No tocante a violência em espaços escolares, Charlot (2002), argumenta que, a violência e o preconceito refletem o mundo externo, a violência na escola, a violência cotidiana, aparecem no desrespeito ao outro, na transgressão aos códigos de boas maneiras e á ordem estabelecida. A falta de limite associada à desconsideração pelos outros, contribuem para que os jovens e adolescentes busquem se impor pela força e pela agressão.

Assim, o reconhecimento das diversas identidades é essencial para supressão da violência. E no tocante a identidade, cabe ressaltar que só pode ser entendida quando se tem como referência homens reais e concretos que são construídos numa dada organização social e cultural. Portanto,

Não são as características sexuais, mas sua representação ou valorização que constroem as identidades dos sexos (femininas e masculinas). Essas identidades não são naturais, são construções humanas que envolvem valores, sentimentos e desejos o que põem em questão outros conceitos como os de heteronormatividade, segundo o qual a heterossexualidade é considerada norma, enquanto a homossexualidade ou outras maneiras de viver a sexualidade são vistas como desalinhamento de conduta (WEEKS, 2007, p.).

Por isso, é importante, evidenciar a necessidade da articulação entre as várias formas de ser homem e de ser mulher. Há uma infinidade de conceitos que

precisam ser abordados, repensados, questionados em vários ambientes, mais principalmente no espaço escolar, assim como a mídia, nos parecem campos profícuos para este diálogo.

4 SEXUALIDADE E MÍDIA

Muitas são as reflexões sobre o papel das tecnologias na educação e com frequência se diz que a tecnologia está transformando profundamente a educação. “Ela desafia as definições existentes de conhecimento, oferece novas maneiras de motivar aprendizes relutantes e promete incessantes oportunidades de criatividade e inovação” (BRASIL, 1997, p.129). Os primeiros defensores do uso de filmes e da televisão na educação fizeram previsões similarmente fantásticas, de que esses meios, trariam mudanças profundas na natureza da aprendizagem (BRASIL, 1997).

Através do uso da mídia é possível descentralizar o papel do professor, e trabalhar focado no conteúdo e aprendizagens, assim, para (BALTAR, 2010) a mídia ganhou uma nova significação social e amplificou seu poder na sociedade. Ela nos oferta uma infinidade de discursos com os quais interagimos, veiculados em programas dos mais diversos formatos, que contribuem sobre maneira no reforço de novos temas, atores e interpretações sociais e culturais, o que tem impacto na conformação identitária dos indivíduos (BALTAR, 2010).

Nas palavras de Zygmunt Bauman, a mídia tornou-se uma fonte de matéria bruta que os leitores/ espectadores usam para enfrentar a ambivalência de suas posições sociais. Um bom exemplo são os programas, cada vez mais frequentes dedicado à exposição da intimidade, terapias e manuais de autoajuda, ofertados para servirem de modelo, fórmula ou exemplo de vida a ser seguida, como coloca Anthony Giddens. No caso do “novo homem”, a mídia faz uso de uma retórica bastante apoiada na estética e no consumo. (Jorge Zahar, 2004, p.8)

Caridade (1999), em sua pesquisa, constatou que a televisão influência os adolescentes em relação a sexualidade. Que os jovens de 4 a 17 anos assistem televisão, em média, 3,5 horas por dia. Entre os programas mais assistidos, encontram-se as novelas (das 19 e das 20 horas) e o jornalismo noturno da TV Globo, programas humorísticos e o Fantástico (programa de domingo). É interessante observar que todos os programas são da TV Globo. Já para adolescente de 12 a 17 anos os programas mais assistidos são: Malhação, a novela das 18 horas da TV Globo, acompanhadas do Futebol e de Filmes. Os jovens e adolescentes passam grande parte do seu dia assistindo televisão, sendo muitas vezes programas recheados de cenas sexuais, violência, conflitos familiares.

Nesse contexto, Caridade (1999), expõe sua preocupação com o tipo de cultura que está subsidiando o adolescente nos dias atuais e tipo de sexualidade.

Para Debord (1998), o adolescente está inserido numa sociedade do espetáculo, onde a vida é pobre e os indivíduos são obrigados a contemplar e consumir passivamente imagens de tudo o que lhes falta na vida real.

Desse modo, a mídia concorre cotidianamente com a escola, família, igreja entre outras instâncias sociais, para a formação individual e social dos sujeitos, enquanto instância social produtora e reprodutora de discursos. (BALTAR, 2010)

Citelli (2000), Consani (2012) e Barbosa (2005) refletem sobre o uso da mídia na escola e concordam que a mídia na escola é investimento na construção de saberes. Portanto, sua utilização ajuda a construir pessoas críticas e a problematizar seu próprio uso.

Como reproduz relações de poder, deve ser contemplada com olhar crítico como fez França (2005), ao fazer uma abordagem sobre a revista *Capricho*, revista elaborada para adolescentes. Ele observou que a revista direciona as jovens a um determinado estereótipo de jovem branca, da classe média, consumidora e heterossexual. Esse tipo de observação pode ser realizado no espaço escolar sob a orientação do professor e ajudar na construção do pensamento crítico.

Para Kellner (1995, p.109), “A educação certamente deveria prestar atenção a essa nova cultura, tentando desenvolver uma pedagogia crítica [...] preocupada com a leitura de imagens”. Para o autor,

[...]essa crítica seria a base de uma pedagogia radical que buscaria compreender os comportamentos e os conhecimentos em sua gênese, na tentativa de entender o processo de dominação; que tentaria realizar a leitura das imagens veiculadas em situações reais, compreendendo como as identidades são socialmente construídas e influenciadas por diversas imagens, signos e discursos. Essa desconstrução exige uma crítica à publicidade, bem como à cultura de massa e à ideologia. (p. 110).

Diante dessas discussões, percebe-se a necessidade de uma compreensão mais sistematizada sobre os conceitos de sexualidade representados pelos meios de comunicação, conceitos que influenciam os conhecimentos prévios dos alunos e, conseqüentemente, a sua aprendizagem escolar, além de sua postura diante dos preconceitos e das discriminações sociais (MORO, 2001).

“A escola tem sido historicamente assexuada, já que em muitas ocasiões desconsidera as questões de gênero e os comportamentos de meninos e meninas” (MORO, 2001). Apesar de termos na mídia a divulgação de imagens, insinuações de relações sexuais, de pessoas bem resolvidas com suas escolhas afetivas e

orientações sexuais, sabe-se que sexualidade, ainda é assunto pouco discutido no cotidiano das escolas e que a vivência da sexualidade pelo indivíduo não é algo dado, mas construído na complexidade das relações humanas. Infelizmente, tal discussão ainda não ocorre de forma natural e sistemática, entendida como parte das várias dimensões do ser humano (MORO, 2001).

Para muitos adultos (professores), discutir sobre sexualidade é algo particular e pertencente só ao mundo dos adultos. Assim, diz respeito apenas a si próprio e por isso mesmo não se fala sobre o assunto. “Percebemos a dificuldade desses profissionais em identificar a linha divisória entre aquilo que é privado, íntimo e aquilo que pertence ao campo da discussão coletiva” (GUIZZO, 2005, p. 89). Também ocorre que, se a temática é abordada entre os adultos da escola, as falas são feitas em forma de piadas e brincadeiras, com adjetivos diminutivos para naturalizar a situação, ou então é expressamente reprimida para moralizar as atitudes (GUIZZO, 2005).

Como o tema sexualidade não se apresenta como conteúdo obrigatório do currículo, alguns professores se esquivam do trabalho para com a temática, limitando assim, as discussões que podem ser esclarecedoras. Isso ocorre por vezes, devido à falta de formação para com o tratamento da temática. Fato é que, o uso de vídeos divulgados na mídia, podem ajudar a compreender fatos relacionados a constituição da sexualidade dos sujeitos e a escola pode estar contribuindo para a formação de cidadão desprovidos de tabus ou preconceitos para com as diversas formas de manifestação da sexualidade. Para Sabat (2001), a maior parte de pesquisas voltadas ao campo educacional estiveram diretamente relacionadas ao espaço escolar, por isso, nos convida a olhar para outros espaços que também produzem pedagogias culturais, dentre eles, menciona a mídia. Nesse sentido, a autora apresenta a mídia como campo de pesquisa para analisar as representações de gênero e sexualidade na publicidade pelo viés dos Estudos Culturais. Felipe (2011) relata que as produções de propagandas, documentários, vídeos, filmes acerca de gênero e sexualidade podem ser utilizados para a contribuição no processo de formação docente na Educação Básica. Afirma ainda que;

1

No “âmbito escolar ou mesmo nos cursos de formação docente, esses temas são, quase sempre, ignorados”. E mesmo quando são abordadas as discussões se limitam a uma concepção biologizante ou moralista, ora tratam das precauções contra as doenças sexualmente transmissíveis apresentando o sexo como perigo, ora tratam da formação binarista de

homens e mulheres como sujeitos marcados somente pelas diferenças biológicas: homem forte versus mulher sensível.

Para Florkzak e França (2016), a mídia também apresenta perigo, é uma forma eficaz de inculcar normas e padrões sociais que podem ser observados nas propagandas, novelas, filmes, músicas, desenhos, entre outros. Desse modo, deve ser utilizada sempre de maneira crítica, podendo colaborar com a formação docente e com a desconstrução dos padrões preconceituosos de gênero e sexualidade. Não podemos negar, assim, que a mídia tem grande penetração no cotidiano social e tem assumido crescente relevância na produção da consciência dos indivíduos (RISTUM, BASTOS, 2013). Sua influência sobre a violência nas escolas é exercida pela exposição de cenas de violência, propagandas que promovem o consumismo e programas que valorizam padrões de vida de nível sócio econômico elevado.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Levando em consideração que a mídia possui poder de produção de subjetividades e que se faz presente nos espaços escolares, optou-se pela realização de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, objetivando analisar as noções de sexualidade vinculadas em vídeos publicados no *You tube* de janeiro de 2016 a dezembro de 2017.

Richardson (1999, p. 80) apresenta a pesquisa com abordagem qualitativa como um estudo que emprega uma metodologia qualitativa e que pode descrever a complexidade de determinado problema, analisar as variações de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais. Ressalta também que podem contribuir no processo de mudança de determinados grupos e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. A abordagem qualitativa não emprega um instrumento estatístico como base no processo de análise do problema.

Segundo Goldenberg (1997) a pesquisa qualitativa não se preocupa com representações numéricas, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social e de uma organização. Para Minayo, (2001) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atividades, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos.

Para o trabalho descritivo de abordagem qualitativa foram selecionados 10 vídeos, que estão relacionadas a sexualidade, tendo como critério de seleção, a ausência de cenas forte de agressividade e aceitação do trabalho com o tema sexualidade no espaço escolar. Não se levou em consideração as empresas as quais estão vinculados, priorizando assim, os vídeos que primam pela compreensão de sexualidade em sua complexidade. Foi utilizada a técnica de “Análise de Conteúdos” de Bardin e aqui apresentamos as categorias de análise: Sexualidade, tabu na escola; Homofobia, homossexualidade e escola.

Para Ander-Egg (1999) é importante que haja o esclarecimento de que a “Análise de Conteúdo” não deve ser confundida com a “Análise do Discurso”, ambas apresentam metodologias bastante diferenciadas e normalmente apresentam objetivos distintos. A análise do discurso pretende compreender e refletir sobre os discursos que os sujeitos fazem para além daquilo que é óbvio no mesmo. Na

Análise de Conteúdo o objeto de estudo é o registro em si, presente em um texto, um documento, uma fala ou um vídeo. Num certo sentido podemos dizer que, a “Análise de Conteúdo” está contida na “Análise do Discurso”, mas o inverso não ocorre.

A “Análise de Conteúdos” proposta por Bardin (1991) é caracterizada por um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. A Análise de Conteúdo tem como princípio um conjunto de técnicas de análises da comunicação que pode utilizar procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos apresentados pelas mensagens analisadas. Esses procedimentos são usados para observar as mensagens apresentadas pelos conteúdos das tecnologias da informação, em nosso exemplo específico, os vídeos do *YouTube*.

Nas palavras de Felinto (2010, pg. 2), é necessário entender que tratar o *YouTube* como uma plataforma “revolucionária” e como “o maior fenômeno da cultura participativa” causa, “uma sensação de maravilhamento tecnológico, euforia infantil e desprezo por tudo aquilo que não é novo (antigo) que em nada auxilia a compreensão desses fenômenos e sua relação com a continuidade histórica. O *YouTube* é como um fenômeno inserido em uma cultura mais ampla, baseada no argumento de que a cultura participativa pode não ser recente, mas tem passado por um processo de intensificação sem precedentes a partir das possibilidades criadas com as novas tecnologias (FELINTO, 2010).

5.1 Área de Estudo

Vídeos do You tobe.

5.2 Análise e Discussão dos Resultados

A mídia abre um leque de possibilidades de informação, interação e produção de novos saberes, ajuda crianças, jovens e adultos a conhecerem inúmeras facetas da vida social, econômica, política e cultural do nosso país e de outros. Para Silverstone (2002), trata-se de oportunidade de comunicação e interação que deve ser cuidadosamente estudada, por compreender, ser mecanismo de produção se significados a serem analisados e criticados.

Nesse contexto, Bowditch; Buono (1992), esperam que haja também, troca de informações entre o transmissor e o receptor e há assimilação do significado entre os indivíduos envolvidos. Assim, pensar na oportunidade de transmitir algo novo, a alguém, pela mídia, requer levar em consideração o impacto do informe, discussões, debates, imagens apresentadas, levando em consideração que os sujeitos possuem conhecimentos empíricos relacionados a diversos temas, que os ajudam a superar os desafios do dia-a-dia (MANZINI, 1998). Vendo os vídeos do *You Tube*, como possibilidade de apreensão de novos conceitos sobre sexualidade, no Quadro 1 apresentamos a relação de vídeos selecionados para o desenvolvimento do presente estudo.

Quadro 1 – Vídeos selecionados para análise.

Título do vídeo	Endereço eletrônico	Nomeado
Identidade, sexualidade e gênero na escola.	https://youtu.be/untgDR-goN8	V1
Gênero e Sexualidade na Escola	https://www.youtube.com/watch?v=1as0ydTn5Hs	V2
Como deve ser a educação sexual nas escolas?	http://g1.globo.com/globo-news/globo-news-em-pauta/videos/v/como-deve-ser-a-educacao-sexual-nas-escolas/5818777/	V3
Guia fácil sobre orientação sexual - Canal Sexualidade Descomplicada	https://www.youtube.com/watch?v=1xgKcfHSSaw	V4
Porque a escola precisa fazer Educação em Sexualidade?	https://www.youtube.com/watch?v=chA_Dk2zHqo&feature=youtu.be	V5
Sexualidade como um dos aspectos mais importante de nossas vidas.	https://youtu.be/nutgDR-goN8	V6
Gênero e sexualidade, além do rotulo.	https://youtu.be/f8ktBCM-KDI	V7
Como falar sobre infância e sexualidade? - Debate	https://www.youtube.com/watch?v=0cgu5PFoxTs	V8

Canal Futura		
Estudantes discutem sobre gênero, sexualidade e homofobia na escola da zona norte da capital.	https://oboplay.globo.com/v/543950/	V9
Homossexualidade, mesmo presente na contemporaneidade, ainda é um assunto de grande repercussão, geralmente considerado como “tabu”.	http://www.drauziovarella.com.br	V10

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Os conteúdos abordados nos vídeos foram agrupados em torno das categorias de análise: Sexualidade, tabu na escola e homofobia, homossexualidade e escola. Apresentam relatos de pessoas que fazem parte ou não de comunidades educativas e defendem a escola como espaço de reflexão e discussão sobre o tema sexualidade e todas suas nuances.

5.3 Sexualidade, tabu na escola.

Falar sobre sexualidade na escola ainda é um grande tabu, fator apresentado pelos vídeos V1, V3, V6, V8, V9, V10. Esse fato, explica a psicanalista Regina Navarro Lins, no vídeo V3, tem relação a associação da sexualidade a nudez, algo abominável, isso a 2000 anos atrás. Então, a repressão da sexualidade, passa a ser uma questão de controle sobre as pessoas e seus corpos. A sexualidade passa a ser vista como algo sujo, feio, exemplo disso, para a psicanalista é o fato de utilizamos como xingamento palavras associadas as relações sexuais, órgão sexuais.

Junqueira (2009) diz que muitos alunos recebem no contexto escolar a Pedagogia do insulto – tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, constrangimentos e agressões físicas e verbais. Discorrendo acerca disso, Seffner (2009) relata que a escola foi e ainda é largamente utilizada como instrumento de exclusão da cidadania. Devido a esta instância ser um lugar de opressão, discriminação e preconceito, a instituição deve desenvolver um trabalho voltado para problematizar e subverter estas práticas discriminatórias que requer, entre outros, Pedagogias e medidas institucionais voltadas a questioná-las. Para Foucault (1988),

A sexualidade é um "dispositivo histórico" (1988). Em outras palavras, ela é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam que normatizam, que instauram saberes, que produzem "verdades". Sua definição de dispositivo sugere a direção e a abrangência de nosso olhar: um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (...) o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 1993, p.244).

Quebrar o tabu e falar sobre sexualidade na escola ou na família é fator apresentado como essencial nos vídeos. Para os participantes do vídeo V8, isso só é possível, a partir da compreensão da sexualidade como algo que acompanha os indivíduos desde o seu nascimento e caracteriza-se como a busca do bem estar. Explicam, a criança ao buscar satisfazer seus desejos como alimentar-se, dormir, dentre tantos outros está desenvolvendo sua sexualidade. Nesse contexto, a sexualidade está relacionada a satisfação de desejos que vão se manifestando no decorrer do desenvolvimento humano.

Assim, Weeks (1995) lembra que o corpo é inconstante, que suas necessidades e desejos mudam. O corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica. Num tempo de AIDS, por exemplo, a preocupação com o exercício do "sexo seguro" vem sugerindo novos modos de encontrar prazer corporal, alterando práticas sexuais ou produzindo outras formas de relacionamento entre os sujeitos. Portanto falar sobre sexualidade parece necessário, seja referindo-se à educação sexual ou orientação sexual. Para Werebe a educação sexual

[...] compreende todas as ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamento, opiniões, valores ligados à sexualidade. A educação sexual, num sentido amplo, processos globais, não intencional, sempre existiu em todas as civilizações no decurso da história da humanidade, de maneira consciente ou não, com objetivos claros ou não (WEBER, 1998. p.138)

Tratar a sexualidade como algo vinculado estritamente a vida privada, para a psicóloga Victoria Silva (V2) dificulta a abordagem do tema no espaço escolar e na família, uma forma de oprimir para manter a ordem. Essa opressão para os colaboradores do vídeo V8 é manifestada pelo poder público ao limitar e proibir debates sobre gênero e identidade no espaço escolar.

No vídeo V1 educadores discorrem sobre a polêmica do tema nos espaços escolares e afirmam ser de fundamental importância sua inserção como conteúdo curricular obrigatório, visto que, a educação é uma prática política, que luta em defesa da liberdade de expressão, também, por ser a escola espaço de descobertas. Fica claro para os educadores participantes do vídeo, que desde a infância os sujeitos começam a se perceber masculinos ou femininos e a ter

afinidades por artefatos e comportamentos afeminados ou masculinizados tendo seus comportamentos reprimidos ou não pela escola. Assim, tenta-se adestrar os comportamentos para os indivíduos de ambos os sexos, excluindo as afinidades e desejos em prol da prevalência de normas instituídas socialmente.

Os educadores alertam que as posições sociais não são seguras e podem fluir, cabendo a escolar reconhecer as diferenças e trabalhar com a temática gênero e sexualidade na busca pelo respeito. Abrir mão das convenções sociais é uma das possibilidades para o fim do preconceito e violência nos espaços escolares.

Cabe mencionar, que os vídeos também ressaltam que trabalhar com a temática orientação sexual não é de responsabilidade exclusiva da escola para eliminação da violência e preconceito, trata-se de uma questão cultural que deve ser trabalhada em diversos espaços, sejam eles escolares ou não. O vídeo V9, especificamente, apresenta o relato de uma comunidade escolar que já inseriu em seu currículo os temas gênero e sexualidade, por acreditar que informar é a melhor maneira de educar. Apresenta estratégias como oficinas, palestras, cinemas, discussões filosóficas, como forma de abordagem das temáticas e considera inaceitável qualquer forma de preconceito ou violência de gênero e sexualidade. Prega o convívio pacífico, através do respeito as diferenças.

O vídeo V5 apresenta mais argumentos para o trabalho do tema sexualidade na escola, dentre eles, a falta de preparo dos pais para o tratamento do tema e a grande jornada das crianças e adolescentes no espaço escolar. Também discorrem sobre os altos índices de gravidez na adolescência, aumento de casos de HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis, dados que podem ser reduzidos com maior informação no espaço escolar.

Rosalind Coward (1989) afirma que, na medida em que se aproximava o fim do século XX, uma preocupação com o corpo, seu condicionamento físico, saúde e bem-estar, aumentava, particularmente no despertar da crise da AIDS, deslocando uma preocupação com "o sexo", no sentido tradicional, como foco de preocupação social.

Segundo Jonathan Silin (1995) os esforços pedagógicos poderiam, então, deixar de utilizar o saber para controlar identidades específicas e ser mais incansáveis, na busca da conscientização para com o respeito ao corpo e

sexualidades, forma de reduzir problemas sociais e excluir preconceitos referentes a sexualidade.

Para os profissionais que participaram do vídeo V8 a sexualidade deve ser trabalhada na escola como forma de prevenção a abusos domésticos, visto que dados, apontam altos índices de violência sexual em ambiente doméstico, assim as crianças devem aprender a reconhecer o abuso. Discorrem sobre pesquisas que apontam que pessoas que passaram por programas de Educação Sexual iniciaram sua vida sexual mais tarde, até três anos. Fato que leva a compreender que a informação retarda e não antecipa o início da vida sexual, como acredita muitos pais.

Os vídeos V3, V5, V8, reforçam a ideia da necessária preparação dos professores para o tratamento da temática, o abandono do falso moralismo e a ruptura com visões conservadoras essencial para o desenvolvimento do trabalho no espaço escolar. Desse modo, os professores devem trabalhar a sexualidade de forma ampla, sem limitar-se a conhecimentos biológicos. Guimarães (1996), nesse contexto apresenta a escola como espaço onde atua forças antagônicas sendo necessário destreza para equilibrar as transições culturais.

[...] a escola, como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem afirme: quanto mais igual, mais fácil de dirigir. A homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares, ou seja, de atividades que esquadriham o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade. Assim como a escola tem esse poder de dominação que não tolera as diferenças, ela também é recortada por formas de resistência que não se submetem às imposições das normas do dever-se. Compreender essa situação implica aceitar a escola como um lugar que se expressa numa extrema tensão entre forças antagônicas. (GUIMARÃES, 1996, p.49).

Assim, formar professores para o trabalho com sexualidade torna-se um desafio em espaços escolares onde a ordem cultural instituída há décadas não pode ser abalada e o papel docente vincula-se a garantia da manutenção da ordem, fator temível de ser abalado com o trabalho do tema sexualidade.

Trabalhar o tema sexualidade em espaço escolar requer do professor a manutenção da ordem necessária, mas também, estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas, desencadeando novos dispositivos para que o aluno, ao distanciar-se do professor, tenha autonomia sobre o seu próprio aprendizado e sobre sua própria vida.

Nesse contexto, os discentes devem ficar cientes de que o sexo independente de com quem seja, só deve acontecer quando ele estiver se sentindo bem para isso. E que a orientação sexual, o gênero ou identidade não é algo passível de escolhas, mas inerente aos seres. A orientação sexual pode variar e para os profissionais do V8, isso ocorre por questões genéticas, hormonais, por conta das primeiras experiências, da cultura, dentre outras.

Fato é que, deve-se abandonar o sensu comum que impedi as crianças de terem direito à informação e rejeitar as ideias que abominam o sexo e a sexualidade. Professores, pais e comunidade local devem integrar-se para o debate em torno dessa questão, a fim de diminuir o preconceito e violência.

5.4 Homofobia, homossexualidade e Escola.

O vídeo V10 traz também, explicações sobre homossexualidade e expõe ser a mesma, uma ilha de ignorância cercada por todos os lados, isso por pouco sabermos sobre a sexualidade e muito julgar seres homossexuais. Apresenta a sexualidade não como um comportamento, mas, como um desejo que não pode ser controlado, pois, ela se impõe, fato também apresentado no vídeo V7, com o depoimento do transgênero Laerte Coutinho (cartunista). Dessa maneira, deve ser tão respeitável quanto a heterossexualidade.

Conforme enfatiza Jennett (2014), é preciso criar oportunidades de discussão na escola sobre este tema, de modo a aumentar a conscientização sobre a homofobia e seus efeitos. Com esse pensar, uma das alunas de uma escola estadual do Rio de Janeiro tenta sensibilizar no V9, “[...] precisamos conhecer as pessoas, antes de julga-las por sua sexualidade”.

Como forma, de esclarecimentos sobre homossexualidade o V10, apresenta vários exemplos de vertebrados que possuem comportamento homossexual, são citados, répteis, aves e chimpanzés, dentre outros, demonstrando ser esse comportamento comum a várias espécies e não somente aos seres humanos. Então, por que tanto preconceito? Para o aluno que participa do vídeo V2 o preconceito é um reflexo dos padrões binários, heterossexuais e cisgêneros que

permeiam a cultura social. É causado pela produção de estereótipos que reforçam as diferenças e exclui indivíduos.

Na escola, a homofobia se expressa através da não aceitação da orientação sexual que não seja a heterossexual, assim outra orientação sexual é vista como desviante. Dessa forma, no contexto educacional, o termo bullying tem sido utilizado para nomear a violência sofrida por alunos (as) no ambiente escolar, e o termo bullying homofóbico tem sido utilizado para nomear especificamente a violência sofrida por alunos (os) gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (OLWEUS, 1993). Para Louro(1997),

Na escola o bullying homofóbico tem resultado na evasão escolar de estudantes que expressam identidades sexuais e de gênero diferentes da norma heterossexual, e mesmo nas tentativas de suicídio de adolescentes em conflito com sua identidade sexual e de gênero, devido aos preconceitos e a discriminação sofrida no espaço escolar. Uma das principais vítimas no processo de evasão escolar também são as adolescentes travestis e as (os) adolescentes transexuais que dificilmente conseguem terminar seus estudos, sendo forçadas (os) a abandonar a escola, já que diferentemente de adolescentes gays e lésbicas, têm mais dificuldade em esconder sua diferença, tornando-se as vítimas mais visíveis dessa violência escolar. Mas a situação de estudantes gays e lésbicas que tentam esconder sua orientação sexual também não é mais fácil já que o silenciamento e o ocultamento de sua sexualidade são também uma forma de violência. (p. 67-68)

O vídeo V7 tenta esclarecer o por que do preconceito relacionado ao gênero e homossexualidade, tendo como mecanismo as afirmações de identidades. Assim, identidades opostas passam a ser excluídas, gerando o preconceito. As afirmações das identidades constituem-se fincadas em comportamentos e posições sociais, tudo que se opõe a identidade constituída, é vista como diferente. Dessa maneira, surgem diversas formas de preconceito, o que não é tolerável é a violência e desrespeito. Para Louro (2000),

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. (p. 30).

Assim, o vídeo V7, também esclarece que, identidade de gênero e orientação sexual são coisas diversas e que necessariamente não caminham juntas.

A identidade de gênero diz respeito a como o sujeito se identifica, homem, mulher, transgênero, dentre outros, e a orientação sexual está relacionada ao desejo sexual por pessoas do mesmo sexo, sexo oposto, ambos os sexos, dentre outros.

Em concordância com os vídeos V1, V9, V10, apresenta a homossexualidade como tabu no espaço escolar e cita o filme “Hoje quero voltar sozinho” que retrata a homossexualidade e as relações escolares, sensibilizando a sociedade para a complexa questão da diversidade. Aponta a sexualidade como uma possibilidade legítima de cada um e leis de acolhimento a causa, como a utilização do nome social em espaços públicos, fato posto em prática por uma escola do Rio de Janeiro, como expõe o vídeo V1. Intensifica as vozes de concordância da escola como um lugar propício para desenvolver uma cultura de valorização a diversidade, onde os conflitos podem ser resolvidos através da educação, isso porque, o convívio com as diferenças é frequente na vida dos alunos.

Segundo Leão (2009, p. 282), considerando que as reações homofóbicas estão cada vez mais presentes na sociedade, é importante no âmbito escolar os professores englobar este assunto, buscando frisar a importância do respeito e tolerância às diferentes manifestações do desejo. Na realidade, o ensejo é que ele possa ser esclarecido quanto à homossexualidade e se conscientizar da relevância de seu papel no contexto de sala de aula, porquanto pode contribuir para abrandar os preconceitos e estigmas tão cristalizados existentes na sociedade acerca dos homossexuais. Esta contribuição pode se dar por meio da fomentação da discussão das concepções discriminatórias quanto às pessoas homossexuais, debate este que tem por intento trabalhar com os alunos a revisão de conceitos preconceituosos e do tratamento hostil despedido a estas pessoas.

Seffner (2009) aponta que o estigma e a discriminação são barreiras à construção da cidadania plena de qualquer indivíduo, e não devem ser admitidos no espaço escolar – local de aprendizagem e de negociação das diferenças. O pesquisador adiciona que a escola necessita se livrar da sina de ambiente de exclusão. De acordo com apontamentos de Jennett (2014), há inúmeros benefícios para a escola no combate a homofobia, pois favorece o desenvolvimento social, emocional e habilidades comportamentais cooperativas e respeitadas dos alunos, além de promover o bem-estar de toda a comunidade escolar.

Os vídeos analisados expõem a responsabilidade da escola para com o tratamento do tema sexualidade, orientação sexual, gênero, por compreenderem ser a escola espaço de socialização, de partilha, de aprendizagem, de valorização da cultura e da produção cultural, em fim, lugar de identificação das diferenças, diversidade e respeito a pluralidade cultural. Para Louro (1988), a escola exerce um importante papel na orientação sexual durante a adolescência. É na escola que os indivíduos têm muitas perguntas e curiosidade sobre o seu corpo, portanto, momento oportuno para inserção de debates e informações relativas a sexualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar as noções de sexualidade (re) produzidas em vídeos publicados no *You tube*, levando em consideração a aceitação do trabalho com o tema sexualidade na escola. As análises nos levam a compreender que profissionais da educação, psicólogos, psicanalistas que colaboraram com a produção dos vídeos, acreditam ser necessário o trabalho com o tema sexualidade no espaço escolar.

Como motivos para o trabalho do tema em espaço escolar, os vídeos selecionados apresentam: o direito a informação, o despreparo de pais para o trato dessa temática, a grande permanência das crianças e jovens no espaço escolar, a gravidez precoce, o reconhecimento do abuso doméstico, os altos índices de HIV e demais doenças sexualmente transmissíveis.

A sexualidade nos vídeos é posta como algo que ultrapassa o biológico e vai ao encontro do conhecimento de si e satisfação de desejos. É concebido como algo que acompanha os sujeitos desde o seu nascimento. Assim, o acesso a informação na família, escola e mídia é fundamental para compreensão e trabalho com temas como corpo, orientação sexual e gênero.

Trabalhar essas temáticas na escola ajuda a romper com ideias heteronormativas e homofóbicas, por contribuir para o reconhecimento da diversidade e pluralidade cultural que está presente dentro da própria escola. Então, professores e demais profissionais da educação devem ser capacitados para o trabalho com o tema sexualidade, desprendendo-se de falsos moralismos ou visões apenas biologistas.

A sexualidade é um tema abordado geralmente no ensino de Ciências, contemplando o biológico e excluindo fatores culturais, nesse contexto, as mídias podem ajudar os professores a ampliar e apresentar concepções de sexualidade, bem como, esclarecer crianças e jovens sobre seu próprio corpo, desejos, mudanças, transformações, deixando-os menos vulneráveis a formas de abuso ou preconceito.

No ensino de Ciências a mídia ao lado da abordagem biologistas ajuda a compreender os sujeitos como seres sociais e culturalmente constituídos de valores, desejos, diferenças, subjetividades. Por fim, seres que merecem respeito e devem

ser valorizados independentemente de seu gênero, orientação sexual ou classe social a que pertença.

Assim, para o ensino de Ciências hoje, não se espera apenas a compreensão de fatores naturais ou biológicos, mas, a compreensão dos sujeitos em toda sua complexidade e como parte integrante do meio.

REFERÊNCIAS

ANDER E. G. G, E. *Introducion a las tecnicas de investigaci3n social: para trabajadores sociales*. 7 ed. Buenos Aires: Editora Humanitas, 1978.

BARDIN. L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BARROS, S. da C. de. **Corpos, Gêneros e Sexualidades**: um estudo com as equipes pedagógica e diretiva das escolas da região sul do RS. Rio Grande, 2010. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Rio Grande, 2010.

BELLONI, M. L. **Infância e TIC**: aprendizagens, autodidaxia e colaboração. Paper apresentado no Congresso Internacional em Estudos da Criança, Universidade do Minho, Portugal, 2008.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Qualitative Research for Education**. Boston, Allyn and Bacon, inc., 1982.

BORRILLO, D. **Homofobia**. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988: acompanhada de disposições anteriores ...2. ed. São Paulo: Ed. Oliveira Mendes, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Combate à Discriminação**. Brasil sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra gltb e promoção da cidadania homossexual. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/sedh/documentos/004_1_3.pdf>. Acesso em: 17 maio 2006.

BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 83-111.

BRITZMAN, D. Sexualidade e cidadania democrática. In: SILVA, L. H. da (Org.). **Escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: vozes, 1998.

CARRARA, S. L.; VIANNA, A. R. B. **“As vítimas do desejo”**: os tribunais cariocas e a homossexualidade nos anos 1980. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. L. (Org.). Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FELINTO, E. **Em Busca do Tempo Perdido**: O Sequestro da História na Cibercultura e os Desafios da Teoria da Mídia. Trabalho apresentado no GT “Comunicação e Cibercultura” do XIX Encontro da Compôs, PUC-RJ, 2010.

FISCHER, R. M. B. **Televisão e educação**: fluir e pensar a TV. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, M. **Historia da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FURNANI, J. Políticas indenitárias Movimento sociais, educação e sexualidades na educação sexual. In: GROSSI, M. P.; et al (org). Rio de janeiro: Garamond, 2003.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Cidades**. 2017. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=220800>>. Acesso em: 20 set. de 2017.

JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 366-444.

LOURO, G. L. **A construção escolar das diferenças**. Petrópolis: Vozes, 1997
PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Cadernos Temáticos da Diversidade/Sexualidade. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual - PR, 2009. 216p.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S.; GOELINER, S. V. **Corpo Gênero Sexualidade: Composição e desafios para a formação docente**. Rio Grande do Sul: FURG, 2009. 170 p.

SELLTIZ, C. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 2 ed. São Paulo: Editora Edusp, 1967.

XAVIER FILHA, C. **Gênero, sexualidade e diferença em livros para a infância**. In: MAGALHÃES, J. C.; RIBEIRO, P. R. C. (Org.). **Educação para a Sexualidade**. Rio Grande: Editora da FURG, 2014. p. 231-246. (Coleção Cadernos Pedagógicos da EAD, v.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
 Dissertação
 Monografia
 Artigo

Eu, Deysse Belmiro Lima
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação Na mídia, personalidade na escola.

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 14 de maio de 2019.

Deysse Belmiro Lima

Assinatura

Assinatura

